



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ ESCANDIEL

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-10

Entrevistado: Luiz Escandiel

Nascimento: 07/07/2002

Local da entrevista: Residência do entrevistado – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Júlio César Perciúncula e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 20/11/2002

Transcrição: Júlio César Perciúncula

Conferência Fidelidade: Berenice Machado Rolim

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (01 fita) 10/01-A

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 10

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0886/2004/01

Número de registro da fita: 0886/2004/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ESCANDIEL, Luiz. *Luiz Escandiel (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

SUMÁRIO

O professor Luiz Escandiel, considerado na atualidade um dos mais antigos praticantes de judô do Estado do Rio Grande do Sul, fornece, nesta entrevista, informações sobre a sua experiência empírica no judô gaúcho. Em seu relato, ele comenta sobre os primeiros locais de prática desta modalidade esportiva, os primeiros professores, a participação feminina, as formas de conduta dos praticantes na época, modos de vestir, etc. Também relata a sua experiência pessoal em outras modalidades de luta como o catch-as-catch-can e o jiu-jitsu. E por fim, ele indica o nome de outros professores do judô gaúcho que poderiam contribuir com mais informações sobre a história desta modalidade esportiva de luta no do Estado Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 20 de novembro de 2002, entrevista com Luiz Escandiel, a cargo dos pesquisadores Júlio César Bueno Perciúncula e Berenice Machado Rolim, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memórias do Esporte.

J.P. - Bom professor, então, o que levou o senhor a entrar no judô?

L.E. - Eu sempre praticava jiu-jitsu, mas como na época não tinha campeonato de jiu-jitsu e estava entrando o judô, então, tinha campeonato todos os domingos de judô. E eu que gostava de competir, era novo, então, larguei o jiu-jitsu de mão e passei a praticar judô. E no judô, então, disputei campeonato até os sessenta anos mais ou menos. Agora só depois de bem velho que eu parei, não é? E assim mesmo estava com vontade de fazer, mas machuquei a perna, porque tem o “super-master”, que é lá em São Paulo. Eu estava com vontade de fazer lá, mas aí machuquei a perna, não deu mais.

J.P. - E na época que o senhor entrou no judô, o senhor teve incentivo de algum familiar, de algum amigo?

L.E. - Olha, eu tive incentivo de muita gente, sabe por quê? Porque eu fazia “catch as catch can”¹. Então, tinha os meus companheiros que faziam aquilo, mas aquilo era uma luta combinada. Então, se ganhava a luta, mas não ficava aquele incentivo muito grande - que ganhou a luta porque teve mais técnica ou porque teve mais força - então aquilo também não me servia. Mas os meus companheiros, que me deram incentivo, pensaram nisso, porque nas lutas combinadas, se ganhava dinheiro, e no judô nunca se ganhou nada para disputar campeonatos. Mas aí... O que gosta de luta, chamava-se naquela época “pistola”, tu que és pistoleiro e gosta de luta de pistola, larga isso aqui e vai lutar judô, porque o judô é de roupa; é muito bem arrumado e tem professor que dá aula, a gente aprende as técnica. E aí foi que me incentivou. E fui indo.

Então, os primeiros professores de judô que eu tive... O professor mesmo foi o professor Obata, Teruo Obata, o nome dele. Agora, o resto eram todos companheiros que me incentivavam, melhores do que eu e já estavam treinando há mais tempo que eu; já sabiam o nome das técnica, então me ensinavam e ali eu fui, fui gostando. Consegui a ser umas quantas vezes campeão estadual; brasileiro eu não consegui a ser, mas fui campeão estadual.

J.P. - E em que locais... Os primeiros locais de prática do judô aqui no Estado.

L.E. - O primeiro chamava... O nome do clube era Instituto Cultura Física. Era aqui na rua - como é o nome dessa rua do Menino Deus?

B.R. - Getúlio Vargas?

L.E. - Acho que é a Getúlio Vargas, que tem os coqueiros no meio, assim.

B.R. - É.

¹ Modalidade de luta muito praticada no Brasil na década de 30 do século XX. Ocorria em ringues e eram utilizadas técnicas de judô, boxe e luta livre nos combates.

L.E. - É, era ali a academia. A academia muitos anos teve ali. Depois eu saí dali, fui para o Rui Barbosa². E no Rui Barbosa fiquei muitos anos. Só larguei o Rui Barbosa quando terminou. E assim mesmo eu ainda estava disputando campeonato, mas larguei, fiquei disputando pela Federação. Na época podia, hoje parece que não pode.

J.P. - Que época era essa, quando o senhor foi para o Rui Barbosa?

L.E. - Ah, fui para o Rui Barbosa em 50, mais ou menos. Eu não [inaudível] mas é lá pela idade de 50.

J.P. - Onde ficava localizado o Rui Barbosa?

L.E. - É na Riachuelo, esquina Caldas Júnior.

J.P. - Em que ano o senhor iniciou o judô?

L.E. - Eu iniciei mais ou menos em 49; por aí, mais ou menos.

J.P. - Essa sua prática do “catch as catch can”, que época foi?

L.E. - Essa do “catch as catch can” faz muito tempo; mas eu comecei em 45, 46, eu era guri. Comecei - que eu gostava muito - levando água para os lutadores.

J.P. - Que idade o senhor tinha quando começou?

L.E. - Eu tinha o quê? Eu tinha uns 17, 18 anos quando comecei. E aí, às custas do “catch as catch can”, eu conheci a América Latina toda. Porque na época, contratavam os lutadores e levavam para... Porque era espetáculo, não é? Um fazia o sujo, outra fazia o técnico, outro fazia o “gentleman”, outro fazia estilo em cima do tablado, *tudo* tinha nome. Se dava um nome: “Ó, esse é o “gentleman”. Não! Esse é muito sujo, só luta fazendo sujeira, judia dos outros”. Então, era um troço que estava na... Tu dizias que era lutador de “catchs”, as gurias, as moças, todas ficavam te olhando; gostavam de ti porque tinha... Eles faziam umas bala para propaganda: caramelos enroladinho e botavam o teu retrato no papelzinho. Só aquilo era um incentivo bárbaro!

J.P. - E, professor, do “catch as catch can” o senhor passou para o jiu-jitsu, certo?

L.E. - É.

J.P. - E onde era praticado o jiu-jitsu em Porto Alegre?

L.E. - Associação Cristã de Moços. E depois tinham as academiazinhas particulares. Que eram academias pequenas, não é.

J.P. - Sim.

² Esporte Clube Rui Barbosa.

L.E. - Mas a academia grande era a Associação Cristã de Moços³. Quem dava aula era o professor Paulo Salgado.

J.P. - Paulo Salgado.

L.E. - É. Depois passou a dar um japonês; esse não me lembro como era o nome dele, Bihara ou Kihara, uma coisa assim.

J.P. - Kihara⁴?

L.E. - É. E depois passou a dar o professor Loanzi⁵.

J.P. - Jiu-jitsu?

L.E. - É.

J.P. - Ele dava aula de jiu-jitsu?

L.E. - Dava.

L.E. - E daí...

B.R. - Loanzi?

J.P. - Loanzi.

L.E. - Professor Aloízio Bandeira de Melo, o nome dele.

J.P. - O senhor participou, no judô, de alguma instituição como dirigente ou sua vida foi mais como atleta?

L.E. - Eu já quase no fim da vida de atleta, eu fui durante uns dez anos técnico do Rui Barbosa. E dava aula e fui técnico.

J.P. - Qual o período?

L.E. - Isso foi em... Olha eu acho que era por 50 mais ou menos. É, por 50. Eu fui técnico até 60.

J.P. - Certo. E algum fato *marcante*, assim, na história do judô que o senhor lembra e que na sua opinião foi mais marcante.

L.E. - Marcante que nós, os atletas daqui do Rio Grande do Sul, tivemos foi que nós conseguimos por equipe ser vice-campeão do Brasil, no campeonato brasileiro. E aí a Confederação, que na época ainda era a Confederação de Pugilismo, Federação de

³ Fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁵ Aloízio Nogueira Bandeira de Melo.

Pugilismo, então, nomeou a equipe gaúcha para representar o Brasil no campeonato internacional de judô, que foi realizado no Uruguai, em Montevideu.

J.P. - Que ano?

L.E. - Em 60, 61 eu acho. 61, 62, uma coisa assim.

J.P. - Algum outro fato...

L.E. - Então, foi um que nos deu uma satisfação muito grande é que, para sair campeão era uma dificuldade; para sair vice-campeão também era uma dificuldade medonha; para os Estados, porque os bons de judô sempre foram os paulistas. As equipes paulistas eram respeitadas e nós fomos lá e só perdemos para a equipe paulista mesmo; ganhamos de todas as outras equipes que foram com a nossa equipe gaúcha daqui. Então, o presidente da Confederação de Pugilismo, que era o general Pascoatso, Pascoal Segreto Sobrinho⁶, na época era o presidente da Confederação de Pugilismo. Então, achou que nós fomos muito bem; fomos muito aplaudidos no Rio - foi no Rio de Janeiro. Aí ele reuniu o pessoal dele lá na Confederação e acharam que nós íamos fazer bonito, porque todo mundo que ia nesse campeonato internacional levava pau; todos levavam pancada.

J.P. - Esse campeonato no Rio de Janeiro, em que ano que foi mesmo?

L.E. - Olha, foi - se não me engano - em 1960 e 61. Nós fomos nesse campeonato internacional onde tomou parte uns quatro, cinco países deferentes.

J.P. - Professor, sobre a participação das mulheres no judô, o quê o senhor lembra?

L.E. - Participação das mulheres no judô? A participação, não quando começou, não é?

J.P. - A participação delas...

L.E. - A primeira participação em campeonato.

J.P. - É...não...

B.R. - Pode ser.

J.P. - Nos campeonato ou nos treinamentos, participavam...

L.E. - Ah, treinamento, para os treinamentos já foram...

J.P. - Era comum elas participarem?

L.E. - Não. Não existia e era difícil se ver uma moça, uma senhora que dissesse que treinava judô. Falavam mal, que era isso, que era aquilo; que isso não era para mulher, era só pra homem, não sei o quê. Aí, depois, quem começou mesmo dando treino para mulher foi o professor Loanzi; foi ele que começou a juntar alguma mulher para dar aula. Então

⁶ Nome sujeito à confirmação.

aparecia, às vezes três, quatro nos treinos - os treinos ali no Rui Barbosa. Por exemplo, os treinos começavam de manhã e o dia todo; e de noite ia até meia noite, uma hora, porque nós treinávamos o pessoal da polícia de choque, que era bem ali pertinho. Então, eles vinham treinar porque o professor Loanzi deixou eles treinarem - porque eles não pagavam nada - deixou eles treinarem porque dali o professor Loanzi tirava a equipe dele, representando o Rui Barbosa.

J.P. - E dentre essas mulheres, qual é a que o senhor lembra?

L.E. - A primeira faixa-preta do Rio Grande do Sul chamava-se Léa Linhares; eu acho que deve ser ainda - ela trabalhou, trabalha no Banco do Brasil; trabalhou muito tempo no Banco do Brasil. Era uma senhora baixinha, cabelo preso. Eu não vi mais ela, mas deve estar velha. Essa foi a primeira senhora que treinou judô. Agora, não chegou a disputar campeonato. As primeiras que disputaram campeonato foi daquela academia do César⁷, professor de Educação Física também ele. Conhece ele?

J.P. - Sim.

L.E. - César, ali do Stylo⁸, era o dono. Ali ele tirou as melhores moças e senhoras atletas de judô, teve até campeã brasileira.

J.P. - O senhor lembra o sobrenome dele?

L.E. - Era, eu não sei o sobrenome...César...

J.P. - Hernandez não era?

L.E. - Hernandez? É, ele é espanhol. Hernandez...

J.P. - Acho que era só isso.

L.E. - César, não é?

J.P. - Professor, as pessoas que praticavam judô, lá no começo, de que classe social ... Qual a classe social que predominava entre os praticantes?

L.E. - Olha, no judô? Eu posso dizer os piores, que praticavam nessa época, e os melhores. Os mais “gran finos”, como se chamava nessa época.

J.P. - Sim.

L.E. - Foi só quem tinha uma boa vida, um bom sistema de vida não é. E que tinha feito o ginásio; que hoje em dia não existe mais ginásio, é o segundo grau; naquele tempo era o ginásio. Esses eram os que praticavam judô. Só rapazes filhos de família, rapazes que tinham estudo; que a gente dizia por causa que... Como começo judô... Era uma disciplina bárbara: disciplina de japonês mesmo. Se encontravam na rua, os cara se cumprimentavam

⁷ César Hernandez.

⁸ Stylo Judô Clube.

- no judô assim como nós nos cumprimentemos hoje no tatame - na rua. Os cara se encontravam e... Então, isso foi o que chamou muita gente para o judô. Tu eras convidado para um aniversário, para uma festa, qualquer coisa e se chegasse lá e tu encontravas outro judoca, que era mais graduado, então, tu chegavas na frente dele, o cumprimentava e ele também. Então todo mundo ficava olhando: “O que é isso?” Aí já diziam: “Não eles são...” Pensavam que era religião. “Não, esses rapazes são atletas de, de *judô*. Então aí foi que pegou, a disciplina que hoje não se tem mais. Hoje tá acabada a disciplina do judô.

Júlio - Professor, o senhor foi uma das pessoas que viveu na época da Universíade⁹ que teve aqui em Porto Alegre.

L.E. - Eu assisti!

J.P. - É? O senhor lembra de algum fato da Universíade, algum acontecimento para...

L.E. - Acontecimento propriamente não, porque eu não tomei parte como atleta, tomei parte como espectador. Porque para entra ali naquela... Fazer... Tinha que ser muito bom, porque teve três ou quatro eliminatória para ver quem é que ia tomar parte da Olimpíada como chamavam. Foi ali no ginásio da Brigada Militar. Foi a inauguração do ginásio da Brigada Militar. Era o melhor estádio que tinha no Rio Grande do Sul, não tinha outro melhor. Era até atapetado; até há pouco tempo ele era atapetado. Tinha sauna, tinha *tudo*! E a maior parte do pessoal que veio se hospedou no quartel da Brigada. Mas o quartel da Brigada era uma elite! Eu tenho umas fotografias ainda, eu posso dar. As camas dos soldados, todas tinham mosqueteiro e a pia assim, dentro da companhia, mas perto da tua cama. Tu ias lavar os teus dente, escovar os dente, te arruma de manhã ali na tua pia, tu não ia na pia dos outros. Se ia na pia dos outros, eles já chamavam: “Olha, essa aí não, aí é a minha, minha cama é essa aí”.

J.P. - Bom professor, se o senhor pudesse contar a história do judô, se o senhor pudesse relatar, nos contar a história do judô, o quê o senhor nos contaria?

L.E. - Ah, eu contaria muita coisa, precisaria muito tempo para contar por causa que...Tudo que eu passei pelo judô, eu não tenho má recordação nenhuma quase. Tudo pra mim, na época, eu era novo não sofria nada, não tinha doença, não tinha nada, sempre trabalhei, sempre tive empregado. Senão eu não poderia ter começado a praticar o judô. Para começar tinha que ir no judô - não existia quase abrigo naquele tempo. Se é hoje, a gente bota um abrigo e está pronto, não é? Um abrigo, um par de tênis e está pronto. Mas naquele tempo não: tu tinhas que ir de sapato, de roupa, camisa, aqueles que iam de gravata e de fatiota, então, eram mais respeitados ainda. Que eram doutores, eram advogados, os rapazes das universidades. Era uma beleza. Quer dizer.. Quem começou a praticar judô não tem recalque nenhum, acho que, a respeito do judô. Existiu e existe ainda maus judocas, maus companheiros dentro do judô. Depois que o judô começou a dar dinheiro para os professores, que começaram a dar aula, então, vou dizer uma coisa, aí começou a lambança, começou a eu querer ser melhor do que tu no judô - querer ganhar mais do que tu, querer... Então ali começou as verdadeiras lambanças no judô. E ainda tem

⁹ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

isso ainda. Eu passei a minha vida toda fazendo judô; tenho meu filho que também já está com quase cinquenta e ainda vai... Olha, esse troféu foi ele quem trouxe de São Paulo, nossa equipe. Isso tudo aí foi troféu... Lê esse troféu aqui, esse aí, lê esse aí, pega ali bem embaixo.

J.P. - “Campeonato Internacional do Catch, Tatu, Luna Park, 1950, Argentina”.

L.E. - É, esse é, o campeonato de “catch”¹⁰; é de calção curto, de botinha. Tinham umas botinhas apropriadas, e não pode botar a camisa para lutar: só um calção bem curto, a uma botinha branca ou preta - a cor que tu quiser - meia... E os campeonato são mandados pela agilidade. Se eu sou mais ágil do que tu, o empresário que é o dono do troço: “Tatu tu tens que ganhar porque o povo gosta mais de ti”. Então, eu dou casa, eu vou dar renda. O dia que eu luto enche pra ver: “Bah, vamos ver, o Tatu luta hoje, o Tatu é bom de luta, isso e aquilo”. Quer dizer, é por isso que não precisa eu ser forte para ganhar do cara, basta ter mais agilidade do que ele, e conseguir mais fã, dentro do Luna Park. Tu já foi lá?

J.P. - [gesto negativo de cabeça]

L.E. - É lá dentro de Buenos Aires. É um dos melhores ginásios que tem, eu acho que na América Latina.

J.P. - Professor, eu tenho uma das últimas perguntas. É uma dúvida com relação ao judô e ao jiu-jitsu aqui em Porto Alegre. Os praticantes, eles praticavam as duas modalidades, existia uma diferença, era bem diferenciado um do outro?

L.E. - É bem diferenciado e existe uma grande diferença. Tu vê aí pelo judô agora, esses meninos que praticavam judô, estão indo treinar jiu-jitsu e estão saindo campeões. Saiu campeão mundial um rapaz aqui.

J.P. - E na época? No início do judô?

L.E. - Na época o jiu-jitsu pegava o cara do judô e matava no chão, só no chão. Em cima eu dava tombo no cara do jeito que podia, porque ele não... Nunca ensinou “nage waza”¹¹, nem sabe o que é, não é? Vai agarra com a perninha na frente, dava-lhe cada “o soto gari”¹² largava de nuca no chão; o cara não sabe se defender, não sabe o que é. Então, de “nage_waza” nós sempre ganhamos deles. Agora, quando caía no chão, caía para sempre.

J.P. - O jiu-jitsu saiu do Estado, em alguma época. Alguma razão?

L.E. - O jiu-jitsu parou porque não tinha freqüentadores. Quem começou a treinar jiu-jitsu e começou a treinar judô, então, se sentiu muito feliz dentro do judô porque não tinha aquelas pancada, joelhaço na boca do estômago. Pegava o cara, botava no chão, não tinha estrangulamento como nós temos o “shime waza”¹³ certinho. O cara ou bate ou desmaia.

¹⁰ “Catch-as-catch-can”

¹¹ Nome dado ao grupo de técnicas de projeção no judô. Nage: projeção; waza: técnica.

¹² O = grande; Soto = externo; Gari = gancho. Grande gancho externo. Trata-se de uma técnica através da qual o adversário é derrubado ao Ter as sua perna enganchada pela perna do oponente.

¹³ Nome dado ao grupo que reúne todas as técnicas de estrangulamento no judô (shime: estrangulamento; waza: técnica).

Eu não... Tu desmaiavas, antes de bater. O jiu-jitsu foi muito duro. Agora, no jiu-jitsu estão treinando, mas já tem outra modalidade de jiu-jitsu. Já não vale aquilo que valia antigamente. Agora o cara já tem que respeitar o outro. Se eu vejo que eu vou te que quebrar um braço, eu não vou quebrar. Naquele tempo não: naquele tempo tu vinhas quebrar e aí que tu quebravas mesmo. Chegava a estralar e sair osso assim ó. Cansei de ver saltar osso do braço do cara, assim para cima. Dava “ude juji”¹⁴ bem dado, o cara não sabia o que era. Se o meu colega de judô treinando... Eu dizia tudo para ele: Aí o “ude juji”, ó o “ude juji”, dá “ude garami”¹⁵, dá “ude garami”, o cara que está embaixo não sabe o que é. Mas agora já sabem, estão muito espertos.

J.P. - Professor, quem mais, na sua opinião, participou, teve importância na história do judô gaúcho, algumas indicações, também, que o senhor possa nos dar, para pesquisar pessoas que poderiam contribuir para a pesquisa.

L.E. - Olha, o negócio... Quem manteve o judô e quase não é lembrado aqui dentro do Rio Grande do Sul, foi o professor Aloízio Nogueira Bandeira de Melo. Esse foi o que segurou o judô por muito tempo aqui na capital. Porque senão tinha caído o judô. Como ele teve muitos outros aí como o - como era o nome daquele que tu falastes lá? Lá no dia da nossa reunião lá! - O Bazacas, mas eu não sei o nome dele, é...

J.P. - Irineu.

L.E. - Irineu Bazacas¹⁶. Aquele foi um dos que ajudou a dar aula. Deu aula em muitos lugares aqui em Porto Alegre. Foi um dos que fez um dos melhores judocas. Inteligente, que é o professor Breno¹⁷, é o professor Veli¹⁸ ali da ESEF¹⁹; e tem muitos outros ainda aí. Já morreu o professor que tem um pavilhão na ESEF, com o nome dele, como é o nome dele?

J.P. - Bugre²⁰.

L.E. - Professor Bugre Lucena, é. Aquele foi um rapaz que batalhou muito aqui, para não deixar cair. Tanto é que ele pegava, naquela época... Na ESEF o cidadão saía formado de lá em Educação Física, conhecendo só até a faixa amarela de judô; não conhecia mais do que isso. Outra coisa: eram professores de Educação Física, não sabiam cair porque ninguém ensinava; os caras do judô não ensinavam e o professor também não procurava aprender porque não caía.

J.P. - Mais algum outro, uma outra pessoa que a gente possa contatar para entrevistar, na sua opinião?

¹⁴ Abreviatura de “Ude hishigi juji gatame” uma das chaves de braço do judô (Ude: braço; hishigi: quebrar; juji: cruz; gatame: solo), quebrar o braço em cruz no solo.

¹⁵ Uma das chaves de braço do judô (ude: braço; garami: torção).

¹⁶ Irineu Pantaleão Bazacas.

¹⁷ Breno Herbert Jones.

¹⁸ Alexandre Veli Nunes.

¹⁹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁰ Bugre Ubirajara Marimon de Lucena.

L.E. - Olha, dos antigo tem o professor Osvaldo Monteiro dos Santos, que é lá de Caxias²¹, esse é um. Tem o professor Delamar Teixeira, que está aí no Grêmio²², treina aí no Grêmio. Já está bem velho, mas esse foi um dos atletas que mais batalhou nos campeonatos brasileiros; todos campeonatos brasileiro ele ia. Nós fazíamos eliminatórias aqui para ir e ele sempre se classificava.

J.P. - Os ex-presidentes da Federação.

L.E. - Olha, o presidente Ricardo Gaston²³, é uma pessoa indicadíssima para... Ele foi o primeiro presidente da Federação de Judô. Ele que desmembrou da Federação de Pugilismo, o judô. Ele tirou. Ele foi que organizou a Federação de Judô, é o primeiro presidente. E ainda está bem de saúde... Essa aí tu ias parar... Mas é difícil pegar ele em casa, ele trabalha.

J.P. - Então, professor, eu acho que era isto. Muito obrigado.

L.E. - Tá certo, eu que agradeço, se quiser mais alguma coisa, aproveita.

J.P. - Tá certo [riso], obrigado.²⁴

J.P. - Então professor, nós temos aqui uma foto, no colégio Dom Bosco²⁵, certo? Dom Bosco o senhor disse?

L.E. - Colégio Dom Bosco.

J.P. - Atrás da foto tem o nome dos alunos, a data de 76. Eu lhe perguntei sobre o momento dessa foto. O que estaria sendo dito às crianças...

L.E. - Antes de se iniciar uma aula, a gente, os professores costumam - agora eu não sei se é costume - dar um palestra, orientação para os aluno a respeito do que ia ocorrer. Se era um treino só de chão, se dava um treino no chão; se era de “nage waza” tipo as técnicas de projeções, se dava as técnicas de projeções e assim sucessivamente conforme a idade do aluno; assim era dada a aula. Por isso que se diziam o que é antes. Aqui eu estava dizendo que era para ter muito cuidado para não se machucar, ter muito cuidado para não machucar o colega, era dito assim, tipo uma palestra.

J.P. - É, me chamou a atenção a postura deles, eles tão...

L.E. - Ficava...

J.P. - É...

²¹ Da cidade de Caxias do Sul.

²² Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense.

²³ Ricardo Rodrigues Gaston.

²⁴ Encerrada as entrevista, os entrevistadores começaram a ver algumas fotos apresentadas pelo entrevistado e novas perguntas surgiram.

²⁵ Escola de 1º e 2º Graus Dom Bosco.

L.E. - Quando não ficava em “seiza”²⁶, que é agora, antigamente era “iraza”. Então, quando não ficava, vocês tinham que ficar correto sem estar mexendo um com o outro, sem estar se mexendo. Era a ordem que era para ter disciplina.

J.P. - Sim.

L.E. - Perante a aula. Pode ver, eles estão todos quietos, ó.

J.P. - Sim.

L.E. - Todos quietinhos para escutar.

J.P. - E aquele que não ficasse quieto?

L.E. - Aquele que não ficasse quieto era chama da a atenção perante a aula, para todos ver que ele deveria ter ficado quieto e não ficou. Então eles ficariam, não é?

J.P. - Certo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

[FINAL DA FITA 10/1-A]

[A FITA 10/1-B NÃO FOI GRAVADA]

²⁶ Nome dado a uma posição que os judocas executam quando sentados.